

## O GENERAL MIGUEL COSTA: SOCIALISMO E ESQUERDA MILITAR

Paulo Ribeiro da Cunha<sup>1</sup>

*Decifra-me ou Devoro-te*

Pretendo nesse ensaio, privilegiar um enfoque teórico metodológico bem pouco explorado sobre a reflexão política e ideológica que cerca o General Miguel Costa, aquele que o apreende como um policial/militar de esquerda, um socialista (COSTA, 2009; MACAULAY, 1977); não sendo ele um caso isolado em sua geração, já que, percebe-se que sua trajetória também reflete a história de um oficial inserido em um arco conceitual da *Esquerda Militar*, e que encontra fundamentação em um conjunto de militares que procuraram intervir politicamente na história do Brasil, norteando e pautando sua ação em vetores morais e políticos (MORAES, 2005). Isto não é pouco e nem é pontual, sendo esta uma característica daquela geração de *tenentes*; mas a intervenção de Miguel Costa no cenário político não remete somente aos tempos da Coluna Prestes; já que consta sua presença em 1932 na formação do PSB - Partido Socialista Brasileiro (COSTA, 2009, 117; MACAULAY, 1977, 231); e posteriormente na fase da redemocratização do Brasil em 1945, também seria um dos articuladores de sua (re)fundação, conjuntamente com outros prestigiados intelectuais de esquerda como Antônio Cândido, Paul Singer.

A rigor, Miguel Costa é virtualmente um desconhecido, embora seja um personagem muito citado na bibliografia, especialmente sobre a Coluna. Vale inclusive chamar atenção para uma breve reflexão – mesmo que embrionariamente –, e que acreditamos, algo que contribuiu para seu desconhecimento enquanto personagem histórico, foi o debate sobre a lendária Coluna que fez história no Brasil, e o fato dela não se chamar ou ter o nome Miguel Costa incluso pela literatura acadêmica e política; e sim, em sua grande maioria, ser conhecida por Coluna Prestes. Este é um ponto importante, mas não somente.

---

<sup>1</sup>Professor de Teoria Política da FFC/Unesp - Campus de Marília. Uma versão ampliada desse ensaio foi publicado com o título: O General Miguel Costa e a Coluna Prestes: contemporaneidade e uma polêmica (PRELO). In: BARBOSA, Jefferson Rodrigues; RODRIGUES, Cândido Moreira. (Org.). Intelectuais e Comunismo no Brasil.. Cuiabá/MT: EDUFMT, 2011.

Há inclusive muitas outras razões que podem sustentar a hipótese sobre seu desconhecimento e da Coluna ser intitulada Coluna Prestes e não Miguel Costa. Uma delas, a primeira, salvo pontuais exceções, é a quase total falta de estudos históricos sobre o papel político das instituições policiais militares paulistas como a Força Pública de São Paulo, a Guarda Civil, Polícia Civil e mesmo sobre a atual Polícia Militar de São Paulo. Temos ainda uma segunda hipótese, já que mesmo em um resgate exploratório, sob todos os aspectos, a lacuna biográfica sobre Miguel Costa é ainda maior, especialmente quando comparada há vasta bibliografia sobre Prestes; embora sobre este último, não haja um trabalho que possa ser sinalizado como referência. Mas se por um lado, muitos deles são elogiosos, e datados no tempo, e, contribuíram para o Mito de Prestes, como o *Cavaleiro da Esperança* de Jorge Amado; por outro, não conseguimos localizar nenhum trabalho de referência sobre Miguel Costa, salvo algumas obras que procuraram preencher esta lacuna.

De fato, sem nenhum julgamento de valor, isto contribuiu por um lado, para que a Coluna continuasse ao longo do século XX com o nome de Luiz Carlos Prestes. Embora nem ele procurasse e nem seja culpado; já que, teve seu nome associado a mesma e a história bem antes dele ser comunista e à sua entrada no PCB, quando a própria instrumentalização de sua trajetória associada a um projeto político veio a ser exponencializada politicamente, para não dizer, ideologicamente (MORAES, 1997, 33; MEIRELES, 1995, 694; MORAES, 1982, 39); isso por outro, resultou igualmente no distanciamento de Miguel Costa da centralidade desse debate e de sua própria história.

De qualquer forma, partilho de um reconhecimento, que não é isolado, ainda que pouco explorado sobre o papel extraordinário de Miguel Costa na Coluna e na história do Brasil, sendo inclusive legítima a proposta de muitos interlocutores em (re)nomear a Coluna, muitos deles militares como Juarez Távora, João Alberto e Isidoro Dias Lopes (embora alguns sugerindo nomes diferentes) e mesmo válida enquanto projeto daqueles ensaios recentes elaborados por alguns historiadores militares (vide bibliografia); porém quando estes últimos procuram atingir este objetivo (o de valorizar Miguel Costa), incorrem no equívoco maior de minimizar ou desqualificar seus oponentes. Não cabe aqui neste esforço de análise, advogar deles neutralidade e sim objetividade.

Na verdade, às possibilidades de apreensão de Luiz Carlos Prestes e Miguel Costa, há o equívoco metodológico entre vários autores, de uma leitura com vies

anticomunista, especialmente em relação ao primeiro (Prestes); mas também, por hipótese, se apresenta em relação ao segundo (Miguel Costa), face ao seu posicionamento político de rebeldia, à esquerda ideologicamente, um socialista. Este pressuposto não está presente somente como objeto de análise nestas leituras; mas cuja ausência incorre na cultura da própria instituição Exército e Polícia Militar de São Paulo (MOTTA, 2002; CAVAGNARI, 2008); em que pese, não seja um aspecto isolado, este equívoco permeia suas instituições militares de ensino.

A Coluna Prestes, como exemplo, é objeto de estudo em muitas academias militares no mundo; sendo suas táticas pioneiras e muitas delas, gestadas na práxis; advindas do combatente em ação, em particular daqueles cavalarianos gaúchos que confrontavam as tradicionais táticas doutrina militar incorporadas da Missão Militar Francesa em 1906 na Força Pública de São Paulo; e pelo Exército Brasileiro nos anos 20; mas salvo algumas memórias publicadas como as de Juarez Távora e João Alberto, não há registro de estudos nesta linha realizado por militares historiadores ou mesmo livros editados pela Bibliex – Biblioteca do Exército Editora (TÁVORA, 1974; BARRO, 1997). Também não há registro de um módulo de estudos sobre a Coluna Prestes na Aman – Academia Militar das Agulhas Negras. Isto se explica pelo fato de que, a única derrota sofrida pelo Exército Brasileiro em combates de baixa intensidade (operações contra irregulares), foi quando se confrontou com a Coluna; e provavelmente, os militares estudarem a Coluna, implicaria no constrangimento de reconhecer Prestes, o chefe militar vitorioso, o brilhante estrategista. (CAVAGNARI, 2008, 34).

Quanto às informações disponibilizadas de como este debate se apresenta na Academia de Polícia Militar do Barro Branco, a simbiose de exclusão com a Aman é surpreendente, já que a Coluna seja como Prestes ou Miguel Costa, mesmo um módulo que enfoque a trajetória de Miguel Costa, não fazem parte das disciplinas de história ali ministradas, salvo pontuais referências. São aspectos confluentes e elucidativos para apreendermos a problemática de sua exclusão, e com ela, uma hipótese a ser explorada, entre outras.

Todavia, face aos argumentos elencados podem sugerir que a problemática sobre a titularidade da Coluna não se apresenta como um pressuposto de (re)avaliação; ou mesmo reconhece o papel de Miguel Costa somente como um ator secundário,

indicando na conclusão subsequente (após todas essas comparações) para a sinalização de um desfecho: a Coluna deveria se chamar mesmo Prestes e não Miguel Costa. Não cabe uma reavaliação deste pressuposto mais ou menos consolidado e nem é meu propósito; este é um outro debate e foge aos limites dessas páginas. Procuramos sim, é articular algumas hipóteses sobre esta problemática enquanto relacionada à trajetória de Miguel Costa e seu virtual desconhecimento contemporaneamente, bem como a ignomia que o cerca; embora esta apreensão e possibilidades estejam ainda em aberto, sujeita a controvérsias. Mas ao que tudo indica, é um fator importante que também contribui para a construção de uma esfinge relacionada à frase em epígrafe.

Porém, estes apontamentos, também não esgotam esta apreensão. Como ressaltai, Miguel Costa teve em São Paulo uma importante atuação de liderança contrapondo ao do comandante Isidoro; mas também se fez presente como líder decisivo em Foz do Iguaçu no sentido de compor os combatentes paulistas às fileiras da futura Divisão Revolucionária. Mas é no final da história da coluna, bem pouco antes do exílio na Bolívia, que temos um registro digno de nota. Sugestivo de desespero de causa, Prestes tinha elaborado um plano de juntar a Coluna aos garimpeiros e dividi-la em grupos autônomos (MEIRELES, 1995, 599; MACAULAY, 1977, 224, 225). Coube a Miguel Costa, o mérito de salvar a coluna com efetiva voz de comando, e sua postura abortou aquela que seria, sem dúvida, uma aventura inconseqüente que resultaria em um desastre militar. Ali ele demonstrou serenidade em avaliar o cenário político e firmar uma posição, não somente com o peso de sua autoridade de comandante, mas com o reconhecimento de que era uma liderança. Ao que parece, não ficaram seqüelas maiores entre ambos; mas cabe reconhecer por este gesto (que não é singular ou isolado em sua trajetória), sua importância como liderança, sem desmerecer os demais membros da Coluna. Estes fatos remetem a um aspecto importante de sua personalidade, alias, pouco explorado: sua capacidade de avaliação política, que seria demonstrada em várias ocasiões, para não dizer, posta a prova nos anos seguintes.

Para efeito de um resgate subsequente de sua trajetória política e militar, recorreremos ao excelente trabalho de Marly Vianna sobre os Revolucionários de 35 e a alguns apontamentos do recente livro de Yuri A. Costa; embora o diálogo Prestes e Miguel Costa sugerido nas entrelinhas deste ensaio, é um objeto temático à espera de uma investigação mais detalhada, um desafio em aberto (COSTA, 2009; VIANNA,

2007). Curiosamente, as trajetórias de ambos possuíam aproximações; militarmente foram os primeiros colocados em suas turmas; socialmente, pelo fato de terem aderido a carreira das armas para auxiliarem no sustento de casa; pessoalmente, terem os dois perdidos os pais muito cedo, bem como tendo mães de referência em suas vidas. Mantendo fiéis às suas origens populares, ao que tudo indica, estas mediações influenciaram seus posicionamentos políticos e ideológicos à esquerda. Mas não somente. Diferente dos demais comandantes da Coluna, que vieram ser não somente adversários, mas inimigos de Prestes; este último e Miguel Costa tiveram carreiras políticas paralelas e de certa forma, confluentes; o primeiro como futuro Secretário Geral do PCB; o último na linha de frente de muitas missões como militar, iniciada com sua adesão a revolução de 30, tendo um importante papel político em vários momentos subsequentes da história do Brasil.

Cabe, no entanto, mais um parêntese: ambos nutriam uma admiração e respeito pelo outro que se manteve inalterada ao longo de suas vidas. Prestes sempre se reportava em entrevistas a Miguel Costa como o Comandante da Coluna (MORAES, 1997, 139; PRESTES, 1994, 195); mesmo quando houve estranhamento entre ambos. Numa ocasião, Prestes estava exilado na Argentina, resistira até então a todas as tentativas de cooptação ensaiadas por Getúlio Vargas; a rigor, ele já aderiria ao comunismo (mas não ao PCB, isso aconteceria somente em 1934 por determinação direta da IC), e conseqüentemente, se distanciava cada vez mais de seus antigos liderados, os tenentes da Coluna; bem como se afastava de seu comandante. Após a derrota eleitoral de Vargas, Miguel Costa apareceu solidariamente ao lado deste último, e que, naquela conjuntura, tinha por significado, apoio político. Quando retornou a Buenos Aires, houve um encontro entre ambos, e consta que as relações se azedaram, ocorrendo pouco tempo depois o rompimento de Prestes com os antigos companheiros. Para este último, estava havendo a utilização do prestígio da Coluna a uma causa que não era aquela que identificava como o projeto para o Brasil, posicionamento exposto em seguida com a publicação do manifesto '*Ao Povo Brasileiro*'. É sua ruptura de fato com os antigos tenentes; embora o respeito deles a Prestes, tenha permanecido inalterado (VIANNA, 2007, 110).

Todavia, ao assumir novas posições, sobretudo sectárias, Prestes não poupou adjetivos pesados aos antigos companheiros que aderiam a nova ordem advinda da

vitoriosa Aliança Liberal. Quanto a Miguel Costa, Prestes a ele se referia em seus documentos como o policial, entre outros adjetivos. Embora fosse de fato, membro de uma corporação policial, a referência assim posta politicamente, sugere mais uma desqualificação face à adjetivação posta. Depois de 1930, suas trajetórias são conhecidas, mas não precisou de muito tempo para Miguel Costa se distanciar de Getúlio Vargas – junto com outros desiludidos tenentes -, tendo se afastado um ano depois da Secretária de Segurança de São Paulo e do comando da Força Pública; enquanto Prestes já morando em Moscou, se filiava ao PCB, e planejava a volta ao Brasil no bojo de um processo revolucionário. Esta fase da trajetória política de Miguel Costa está à espera de maiores desenvolvimentos, sendo muito contraditória e polêmica. Talvez até explique o fato dele, ter se posicionado posteriormente contrário à presença de militares ocupando cargos públicos (COSTA, 2009, 114).

Mesmo assim, as trajetórias políticas de ambos se aproximaram e até confluíram em objetivos comuns em 1935, quando estavam na mesma frente de batalha da ANL – Aliança Nacional Libertadora-, embora com posições ideológicas antípodas. Por exemplo, poucos dias antes da entidade ser fechada por Vargas, nas comemorações do 05 de Julho em São Paulo, Miguel Costa adere ao movimento e em discurso publicado posteriormente no Jornal *A Manhã*, lembrou ‘*os heróis de Copacabana e Catanduvás e os soldados da Coluna Prestes*’ (VIANNA, 2007, 107 A 112). O interessante não foi a afirmação dele quanto ao nome da Coluna; mas a análise da conjuntura política com os desdobramentos advindos da cassação do registro da ANL e sua avaliação quanto as reais possibilidades de uma insurreição no Brasil.

No diálogo entre ambos, Prestes já clandestino no Rio de Janeiro, sinalizava que contava com o apoio de Miguel Costa (apesar das divergências anteriores), pontuava que tinha intenção de reviver com ele a Coluna; e queria o apoio de seus antigos liderados ao processo revolucionário em curso. O interessante foi a resposta do Comandante – sempre em carta – ao antigo liderado, demonstrando uma lucidez em avaliar a conjuntura que faltou à Prestes. Miguel Costa valorizava a questão da aliança, particularmente ao defender-se da ilegalidade dentro da ordem; e por tabela, fez em carta uma profissão de fé nacionalista bem como negava qualquer ligação com o Partido Comunista. Contestava, no entanto, a pregação insurrecional, despossuída para ele de qualquer base operacional para sua implementação (VIANNA, 2007, 213).

Ao que parece, sua análise de avaliação política, demonstrou acuidade, algo que faltou aos membros do PCB. Ainda chamou atenção ainda para as muitas dificuldades, já que, o fechamento da entidade não encontrou resposta contrária do movimento operário; e, mesmo daqueles oficiais mais comprometidos com a causa, muitos deles presos ou transferidos. Também observou com perspicácia que, a precipitação da palavra de ordem *todo poder á ANL*, analogicamente teria o mesmo resultado de ‘*atirar uma criança desarmada contra um elefante.*’ Como pontua Marly Vianna, Miguel Costa estava disposto de ir à luta, mas sinalizou para uma outra estratégia, sugerindo que fossem organizadas correntes partidárias com o programa da ANL, atuando e intervindo legalmente.

Prestes não levou em conta esta leitura (ele não foi o único a se posicionar nesta linha), mas este é um registro importante e que bem demonstra a argúcia de Miguel Costa enquanto um analista político. Ponderou e avaliou que a conjuntura não era favorável a insurreição, como o primeiro assim afiançava; embora este posicionamento não fosse um caso isolado, expressava coletivamente *o espírito do tenentismo mais à esquerda* cujo projeto revolucionário os comunistas acreditavam estar na ordem do dia. Tanto é que, em seguida Prestes propôs que Miguel Costa assumisse a direção da ANL em São Paulo substituindo Caio Prado Júnior, já que entendia que a condução do processo revolucionário caberia a um militar e não a um intelectual. Miguel Costa deveria ser para Prestes, o chefe em um futuro governo popular em São Paulo; já que, a tomada do poder, nas suas palavras, era somente uma questão de tempo, estando asseguradas para o Cavaleiro da Esperança, as condições objetivas para o levante. Apesar de suas muitas reservas aos desdobramentos pós-cassação da ANL; mesmo assim Miguel Costa foi à luta, colocando em prática a reorganização da entidade via Frentes Populares.

De certa forma, implementou aquilo que recomendou a Prestes (na carta citada anteriormente), lançando inclusive um manifesto em São Paulo assinado por ele e pelo Coronel Melo Mattos. Coincidentemente, sua publicação no diário *A Noite* ocorreu na data da insurreição em Natal. Os resultados do levante naquela cidade e depois em Recife, seguido pelo do Rio de Janeiro são bem conhecidos; sendo que, seus desdobramentos e o advento do Estado Novo, objeto de vasta literatura. Portanto, não cabe retomar as razões da derrota da insurreição de 35. Isto, no entanto, não teve por

significado, o fim de uma atuação política conjunta. Somente a título de ilustração, sem maiores desenvolvimentos, vale dizer que dez anos depois, quando houve a democratização do país, mais uma vez estavam ambos na mesma trincheira da democracia, tendo Miguel Costa prestigiado o camarada de armas Luiz Carlos Prestes no Comício do Estádio do Pacaembu em São Paulo.

Há muito para apreender sobre sua intervenção política nos anos da redemocratização e no interregno democrático entre 1945-1964, mesmo antes de seu falecimento em um programa de televisão em 1959. Alguns analistas nem sinalizam em seus relatos para sua participação nos acontecimentos da ANL de 1935; ou sua presença junto a Prestes em 1945 (ou quando o fazem, fazem pela negação); ou ignoram o fato dele ser membro do PSB, entre outros acontecimentos subseqüentes. O prestígio nesta fase última de sua vida mais pelo esforço em valorizar as forças policiais em São Paulo; mas nem pontualmente registram que ele foi o fundador do *Clube de Oficiais da Reserva da Polícia Militar*; de longe, uma das mais prestigiadas entidades de defesa da categoria policial no âmbito da sociedade civil. Há também sua atuação a favor da democracia no conturbado processo eleitoral pós-morte de Getúlio Vargas, entre a eleição de Juscelino Kubstheck e sua posse, contra os vários movimentos golpistas foram articulados pela extrema direita militar.

A guisa de conclusão, há uma lacuna em relação a Miguel Costa embora não tenhamos a intenção de realizar uma ruptura epistemológica, vale chamar atenção que sua trajetória política e militar tem várias fases, diferenciadas e articuladas entre si, todas ausentes de estudos e válidas como objeto de resgate. Há o Miguel Costa que já demonstrava sensibilidade social e humanista, quiçá, veleidades à esquerda e mesmo socialista se opondo em reprimir movimentos operários grevistas em São Paulo nos anos 20; ou aquele personagem da pouco estudada e conhecida Revolução Paulista, cujo papel nela desempenhado é determinante como liderança; ou do Comandante da Coluna, muito citado, mas também pouco conhecido; como também temos o Miguel Costa do período 30 a 32, quando ocupou vários cargos públicos na interventoria de João Alberto e se afastou tempos depois, permanecendo ainda incógnitas as razões daquela polêmica atitude; mas há ainda o personagem da linha de frente ANL em 1935 em São Paulo, cujas análises indicavam lucidez em avaliar a conjuntura política; ou mesmo aquele que desempenhou um papel importante na democratização, filiado ao

PSB, cujas referências são esparsas, mas concretas, igualmente à espera de uma detalhada investigação; e por fim, temos uma passagem importante de sua trajetória que bem sugere o papel político que teria desempenhado nos anos JK, assegurando a normalidade do processo democrático em São Paulo. Nela, este conjunto compõe uma unidade enquanto possibilidade de apreensão; mas não expressa necessariamente uma identidade; ao menos revelada. Há muito por fazer e apreender, mas talvez, seja este o ponto de partida necessário a ser superado; valorizar um resgate biográfico daquele que foi ao longo de sua vida, sobretudo um rebelde, e apreender seu papel político na história para então somar uma nova reflexão sobre a coluna; um componente de sua trajetória; importante, sem dúvida, mas não o único de registro. Além de ser um desafio, é igualmente um outro debate.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BARRO, João Alberto Lins de. *A Marcha da Coluna*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.
- BATIBUGLI, Thaís. *Democracia e Segurança Pública em São Paulo (1946-1964)*. Tese de Ciência Política apresentada no Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006.
- BRUM, Eliane. *O Averso da coluna: uma repórter refaz, 70 anos depois, os 25 mil quilômetros da Coluna Prestes*. Porto Alegre: Artes e Ofício Editora, 1994.
- CARLONI, Karla Guilherme. *Forças Armadas Democracia no Brasil: o 11 de Novembro*. Dissertação de Mestrado em História Social pelo ICHF/UFF da Universidade Federal Fluminense, 2005.
- CAVAGNARI FILHO, Geraldo Lesbat. *Prestes, Os Militares e o PCB*. Cadernos do CEDEM, ano n\* 1; Janeiro de 2008.
- COSTA, Yuri Abyaza. *Miguel Costa: Imagens de um herói Brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.
- CUNHA, Paulo Ribeiro da. *Um olhar à esquerda: a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan: Fapesp, 2002;
- FARIAS, Cordeiro de. *Meio século de combate: diálogo com Cordeiro de Farias*. Aspásia Camargo, Walder Góes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- GALVÃO, Gay Cardoso. *Coluna Prestes, Por quê?* Campo Grande: Cooperativa Autônoma de Promoção de Autores, 1996.
- \_\_\_\_\_; SANTOS, Hélio Tenório. *Os oito últimos dias do General Miguel Costa (o legítimo condutor da Divisão Revolucionária que se agregaram os 'homens do Rio Grande', Prestes)*. Campo Grande: Cooperativa Autônoma de Promoção de Autores, 2006.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*, São Paulo: Ed. Ática, 1987.

*LIDERANÇA MILITAR E PRINCÍPIOS DE CHEFIA*: Estado-Maior do Exército; portaria nº 088-3ª SCH/EME, de 19 de setembro de 1991.

MACAULAY, Neil. *A Coluna Prestes: revolução no Brasil*. Rio de Janeiro, Difel, 1977.

MELO, Edilberto de Oliveira. *Miguel Costa*. São Paulo: CORPM, 2000.

MEIRELLES, Domingos. *As Noites das Grandes Fogueiras: Uma história da Coluna Prestes*. Rio de Janeiro, Record, 1995.

MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

*MIGUEL COSTA, O GENERAL DA DEMOCRACIA*. O Debate – Ano VI, Outubro – 1989.

MORAES, João Quartim. *A Esquerda Militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 - 1964)*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2002.

*NOTAS A UMA ENTREVISTA SOBRE A COLUNA PRESTES*. O ESTADO DE SÃO PAULO, 23 de agosto de 1959.

PRESTES, Anita Leocádia. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

SANTOS, Hélio Tenório. *O General Miguel Costa*. A Força Policial, ano 16, nº 62, junho de 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965

\_\_\_\_\_. *A Coluna Prestes: análise de documentos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

TÁVORA, Juarez. *Memórias: Uma vida e muitas lutas – da planície à borda do altiplano, vol. I*. Rio de Janeiro: Bibliex/Livraria José Olympio Editora, 1974.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras/Expressão Popular, 1992, 2007.

\_\_\_\_\_. *Luís Carlos Prestes*. Revista Novos Rumos, ano 13, nº 27; IAP/IPSO, 1998.